

Os desafios enfrentados pelo enfermeiro na promoção e manutenção do aleitamento materno exclusivo

The challenges faced by nurses in promoting and maintaining exclusive breastfeeding

Los desafíos enfrentados por los enfermeros en la promoción y mantenimiento de la lactancia materna exclusiva

Recebido: 04/12/2025 | Revisado: 12/12/2025 | Aceitado: 12/12/2025 | Publicado: 13/12/2025

Thaynara Pereira de Souza

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-1440-4463>

Faculdade Brasileira do Recôncavo, Brasil

E-mail: thaynarape15@gmail.com

Josiane Moreira Germano

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7012-0687>

Faculdade Brasileira do Recôncavo, Brasil

E-mail: Josiane.germano@uspbr

Resumo

O aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida é uma prática essencial recomendada pela Organização Mundial da Saúde e pelo Ministério da Saúde, por oferecer todos os nutrientes necessários ao crescimento e desenvolvimento infantil, além de fortalecer o vínculo entre mãe e filho. Apesar das evidências científicas que comprovam seus benefícios, as taxas de adesão ao aleitamento materno exclusivo ainda são inferiores às metas propostas pelos órgãos de saúde, devido a fatores socioculturais, emocionais e institucionais que dificultam sua prática. Nesse contexto, o enfermeiro desempenha papel fundamental na promoção, incentivo e manutenção do aleitamento materno, atuando desde o pré-natal até o puerpério. Objetivo: Analisar, na literatura científica, os desafios enfrentados pelos enfermeiros na promoção e manutenção do aleitamento materno exclusivo, bem como as estratégias utilizadas para superá-los. Metodologia: Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva, do tipo revisão bibliográfica, fundamentada em publicações científicas disponíveis na base de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram incluídos artigos publicados entre 2015 e 2025, em português, inglês ou espanhol. Resultados e discussão: Os resultados mostraram que, embora o aleitamento materno exclusivo seja amplamente reconhecido, sua adesão é prejudicada por fatores fisiológicos, emocionais, socioculturais e institucionais. O enfermeiro atua como agente essencial ao oferecer ações educativas, suporte emocional e orientação técnica às nutrizes. Considerações finais: A atuação humanizada e educativa da enfermagem é indispensável para fortalecer a autoconfiança materna e ampliar as taxas de aleitamento materno exclusivo, sendo essencial o investimento em capacitação, estrutura adequada e políticas públicas de apoio.

Palavras-chave: Aleitamento materno; Enfermagem; Promoção da saúde; Saúde materno-infantil.

Abstract

Exclusive breastfeeding until six months of age is an essential practice recommended by the World Health Organization and the Ministry of Health, as it provides all the nutrients necessary for child growth and development, in addition to strengthening the bond between mother and child. Despite scientific evidence proving its benefits, adherence rates to exclusive breastfeeding are still lower than the targets set by health agencies, due to sociocultural, emotional, and institutional factors that hinder its practice. In this context, nurses play a fundamental role in promoting, encouraging, and maintaining breastfeeding, acting from prenatal care to the postpartum period. Objective: To analyze, in the scientific literature, the challenges faced by nurses in promoting and maintaining exclusive breastfeeding, as well as the strategies used to overcome them. Methodology: This is a qualitative, descriptive, bibliographic review study, based on scientific publications available in the Virtual Health Library (VHL) database. Articles published between 2015 and 2025, in Portuguese, English, or Spanish, were included. Results and discussion: The results showed that, although exclusive breastfeeding is widely recognized, its adherence is hampered by physiological, emotional, sociocultural, and institutional factors. The nurse acts as an essential agent by offering educational actions, emotional support, and technical guidance to breastfeeding mothers. Final considerations: The humanized and educational role of nursing is indispensable to strengthen maternal self-confidence and increase exclusive breastfeeding rates, making investment in training, adequate infrastructure, and supportive public policies essential.

Keywords: Breastfeeding; Nursing; Health promotion; Maternal and child health.

Resumen

La lactancia materna exclusiva hasta los seis meses de edad es una práctica esencial recomendada por la Organización Mundial de la Salud y el Ministerio de Salud, ya que proporciona todos los nutrientes necesarios para el crecimiento y desarrollo infantil, además de fortalecer el vínculo materno-filial. A pesar de la evidencia científica que demuestra sus beneficios, las tasas de adherencia a la lactancia materna exclusiva siguen siendo inferiores a los objetivos establecidos por las agencias de salud, debido a factores socioculturales, emocionales e institucionales que dificultan su práctica. En este contexto, el personal de enfermería desempeña un papel fundamental en la promoción, el fomento y el mantenimiento de la lactancia materna, desde la atención prenatal hasta el período posparto. Objetivo: Analizar, en la literatura científica, los retos a los que se enfrenta el personal de enfermería en la promoción y el mantenimiento de la lactancia materna exclusiva, así como las estrategias utilizadas para superarlos. Metodología: Se trata de un estudio cualitativo, descriptivo y de revisión bibliográfica, basado en publicaciones científicas disponibles en la base de datos de la Biblioteca Virtual en Salud (BVS). Se incluyeron artículos publicados entre 2015 y 2025, en portugués, inglés o español. Resultados y discusión: Los resultados mostraron que, si bien la lactancia materna exclusiva es ampliamente reconocida, su adherencia se ve obstaculizada por factores fisiológicos, emocionales, socioculturales e institucionales. La enfermera desempeña un papel fundamental al brindar educación, apoyo emocional y orientación técnica a las madres lactantes. Consideraciones finales: El rol humanizado y educativo de la enfermería es indispensable para fortalecer la autoconfianza materna e incrementar las tasas de lactancia materna exclusiva, lo que hace esencial la inversión en capacitación, una estructura adecuada y políticas públicas de apoyo.

Palabras clave: Lactancia materna; Enfermería; Promoción de la salud; Salud maternoinfantil.

1. Introdução

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS) determina que o aleitamento permaneça exclusivo nos primeiros seis meses de vida, já que o leite materno tem todos os nutrientes essenciais para suprir as demandas nutricionais do bebê, incluindo proteínas, gorduras, vitaminas e sais minerais. São fundamentais para o desenvolvimento do bebê, bem como contribuem com anticorpos que o protegem contra infecções. O aleitamento materno exclusivo (AME) também ajuda a diminuir a morbidade infantil e reforça a conexão entre o binômio (OMS, 2020).

Crianças amamentadas exclusivamente até o sexto mês de vida, podem estar mais propensas a desenvolver obesidade infantil, diabetes tipo 2, diarreia e infecções respiratórias, bem como doenças alérgicas durante a vida. Ademais, a amamentação, favorece o desenvolvimento adequado da cavidade bucal (Rodrigues et al., 2018). A Estratégia de Saúde da Família (ESF) é o principal modelo de atenção básica no Brasil, e o enfermeiro tem um papel fundamental no atendimento e cuidado com gestantes no pré-natal. Essa atuação é necessária para o fortalecimento das práticas de promoção à saúde, incluindo práticas educativas e de incentivo ao AME (Brasil, 2021).

As consultas de enfermagem no pré-natal são um espaço privilegiado para informar sobre as inúmeras vantagens do AME, técnicas de pega correta, manejo das mamas e indicações de alerta para possíveis dificuldades, como fissuras mamilares ou mastite (Rodrigues et al., 2020). Além do mais, o enfermeiro atua na desconstrução de mitos e crenças culturais que ainda dificultam a adesão à amamentação de forma exclusiva, especialmente nas semanas iniciais de vida do bebê. Durante o pré-natal, o enfermeiro tem a oportunidade de construir um vínculo com a gestante, promovendo acolhimento, escuta ativa e fornecendo orientações que visam o preparo tanto para o parto quanto para a assistência com o recém-nascido. O incentivo ao AME, é uma das ações prioritárias nesse contexto, sendo abordado em todas as consultas como medida de prevenção e promoção do cuidado integral à saúde da criança (Brasil, 2021).

Os benefícios desta prática também alcançam as mães uma vez que a lactação auxilia na recuperação pós-parto, diminui os riscos de hemorragia, auxilia na involução uterina e reduz as probabilidades de desenvolver câncer de mama, câncer de ovário e diabetes tipo 2 (VICTORA et al., 2016). Nesse cenário, a atuação do profissional deve se estender ao puerpério e ao monitoramento do crescimento e desenvolvimento da criança. Nesse processo, a escuta qualificada e o acolhimento são essenciais para identificar problemas como fissuras mamilares, ingurgitamento e pega incorreta, auxiliando na solução dessas questões e na continuidade do aleitamento (Monteiro et al., 2018; Brasil, 2020).

O enfermeiro exerce papel essencial visando incentivar o aleitamento materno, tanto no contexto hospitalar quanto na atenção primária, ou até mesmo nos atendimentos domiciliares. Ações como escuta qualificada, atividades educativas em saúde, acolhimento emocional e atuação intersetorial fazem parte do conjunto de práticas que fortalecem a confiança da mãe e permitem a amamentação. Contudo, dificuldades como desinformação, crenças culturais, retorno precoce ao trabalho e ausência de suporte institucional continuam sendo obstáculos relevantes a serem superados.

Diante deste cenário, torna-se relevante a investigação e discussão de elementos que afetam a adoção da prática do aleitamento materno exclusivo, destacando o papel fundamental do enfermeiro como principal agente no auxílio dessa prática. A enfermagem, enquanto profissão comprometida com a promoção da saúde e prevenção de doenças, possui ferramentas e competências para atuar de forma estratégica no incentivo a lactação, por meio da educação em saúde, do acolhimento e do suporte contínuo às mães.

A escolha deste tema justifica-se pela necessidade em reforçar a relevância da atuação qualificada dos profissionais de enfermagem frente as dificuldades no cotidiano da amamentação. Assim, a pesquisa teve o objetivo de analisar, na literatura científica, os desafios enfrentados pelos enfermeiros na promoção e manutenção do aleitamento materno exclusivo, bem como as estratégias utilizadas para superá-los.

2. Metodologia

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa e descritiva (Pereira et al., 2018) e, do tipo revisão bibliográfica com pouca sistematização do tipo revisão narrativa (Rother, 2007) e, esse tipo de estudo é frequentemente utilizado em investigações na área da saúde (Benato et al., 2024). Os dados foram coletados nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), como descritores, utilizou-se: Aleitamento materno, enfermagem, promoção da saúde e saúde materno-infantil, combinados pelo operador booleano AND para refinar os resultados. Foram utilizados como critério de inclusão artigos publicados entre 2015 e 2025, disponíveis na íntegra, em português, inglês ou espanhol, foram excluídos estudos duplicados, com metodologia incompatível e que não apresentaram relação direta com o objeto de estudo.

3. Resultados e Discussão

3.1 Aleitamento Materno e seus Benefícios

Esta prática é amplamente recomendada pela OMS e pelo Ministério da Saúde do Brasil até os 06 meses de vida do bebê, em função dos múltiplos benefícios oferecidos à saúde materno-infantil (Brasil, 2021). No entanto, a adesão a essa prática ainda é restrita por diversos fatores, tornando imprescindível a atuação qualificada dos profissionais desde o pré-natal.

O crescimento e desenvolvimento adequados do bebê dependem de todos os nutrientes que o leite materno fornece, incluindo proteínas, gorduras, vitaminas e sais minerais. Além disso, oferece anticorpos que atuam na prevenção de doenças comuns na infância (WHO, 2020). Estudos apontam que crianças amamentadas exclusivamente até os seis meses apresentam redução na incidência de infecções respiratórias, gastrointestinais, alérgicas, bem como menor risco de desenvolver doenças crônicas na vida adulta, como obesidade e diabetes tipo 2 (Silva et al., 2019).

Do ponto de vista materno, a amamentação tem um papel importante na recuperação pós-parto, pois diminui o risco de hemorragia, ajuda na involução uterina e reduz as probabilidades de desenvolver câncer de mama, câncer de ovário e diabetes tipo 2 (Victora et al., 2016). A amamentação denota uma experiência multifacetada que envolve não somente a nutrição, mas também aspectos emocionais e afetivos fundamentais na produção do vínculo do binômio. O corpo da mãe produz ocitocina durante a amamentação, o que contribui para a sensação de bem-estar e fortalecimento do apego materno

(Moreira; Nascimento, 2021). Ademais, todo o suporte emocional recebido pela mulher no puerpério está associado ao prolongamento da prática do AME. (Brasil, 2021).

Mães que vivenciam situações de estresse, depressão pós-parto ou falta de apoio emocional podem apresentar obstáculos na amamentação, como produção insuficiente de leite ou desmame precoce (Santos et al., 2020). Assim, torna-se essencial a atuação dos enfermeiros no acolhimento e na escuta ativa dessas mães, promovendo o bem-estar emocional como parte integrante do cuidado.

O êxito do aleitamento materno está diretamente relacionado ao apoio recebido pela mulher em seu contexto familiar e social. O envolvimento do parceiro e de familiares próximos reforça a confiança da lactante e ajudam na superação de desafios comuns no processo de amamentação (Costa et al., 2018).

Além do mais, a sociedade deve fomentar espaços propícios para a amamentação, combatendo estigmas sociais, garantindo locais apropriados para amamentar em espaços públicos e a respeito das vantagens do leite materno. O suporte da comunidade e das instituições é fundamental para o desenvolvimento de uma cultura de valorização da amamentação (Oliveira; Barbosa, 2019).

No Brasil, diversas políticas públicas foram criadas para promover o AME até os 06 meses de vida. A Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil é uma das iniciativas mais importantes do Ministério da Saúde, destinada a capacitar profissionais da atenção básica, com ênfase na promoção do aleitamento materno (Brasil, 2015).

A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), em seu artigo 396, garante à mulher trabalhadora dois intervalos diários de 30 minutos para amamentar até que a criança atinja seis meses de idade (Brasil, 2023). Adicionalmente, a extensão da licença-maternidade para 180 dias, de acordo com a Lei n.º 11.770/2008, fortalece o compromisso com a saúde da mãe e da criança.

Contudo, para que esses benefícios sejam plenamente alcançados, é fundamental o suporte familiar e social, bem como políticas públicas que incentivem e favoreçam a continuidade do aleitamento materno. O envolvimento de familiares, especialmente do parceiro, avós e rede próxima, fortalece a mãe, encoraja a prática de amamentar ajuda na superação de dificuldades emocionais ou fisiológicas (Carvalho et al., 2017; Santos et al., 2020).

As políticas públicas, como a CLT e a licença-maternidade estendida, asseguram que as mulheres tenham tempo suficiente para amamentar, além de promoverem a criação de espaços adequados para a extração de leite nos ambientes de trabalho, como as Salas de Apoio à Amamentação (Brasil, 1943; Brasil, 2015). Dessa forma, a combinação de suporte familiar e políticas públicas eficientes gera um ambiente propício para a prática do aleitamento materno exclusivo, ampliando suas vantagens para o bebê e para a mãe.

Analizados de forma íntegra os estudos evidenciaram que a promoção do AME não depende apenas do conhecimento da mãe, mas da interação entre educação em saúde, assistência emocional e condições estruturais adequadas nas unidades de saúde. A lacuna entre teoria e prática, observada por Takemoto et al. (2023) e Ribeiro et al. (2022), demonstra que os programas de incentivo ao AME devem incluir estratégias contínuas e diversificadas, envolvendo desde o início do pré-natal até o pós-parto, com acompanhamento personalizado.

3.2 O Papel do Enfermeiro na Promoção o Aleitamento Materno

O profissional da enfermagem é fundamental na orientação e no suporte à amamentação, especialmente no âmbito da atenção básica. Desde o acompanhamento pré-natal, esse profissional é encarregado, junto com a equipe, para preparar a gestante por meio de recomendações acerca das vantagens do aleitamento, técnicas de amamentação, a maneira adequada de

posicionar o bebê e a relevância da pega correta. Também é sua responsabilidade estimular o contato pele a pele e assegurar a amamentação na primeira hora de vida (Martins et al., 2024).

Segundo Lima et al. (2019), o aconselhamento em amamentação realizado pelo enfermeiro no pré-natal está associado ao aumento da confiança da mãe em sua capacidade de nutrir o filho, resultando em maiores taxas de êxito na amamentação exclusiva durante os primeiros seis meses. Também é papel desse profissional identificar fatores de risco como insegurança materna, falta de rede de apoio, histórico de desmame precoce ou depressão pós-parto.

Durante o período pós-parto, a atuação do enfermeiro se intensifica, assegurando o monitoramento do crescimento e desenvolvimento do bebê, além de oferecer suporte constante à mãe. É nesse momento que problemas fisiológicos, como fissuras mamilares, congestão mamária e mastite, podem comprometer a prática do aleitamento (Bick et al., 2018; Cobo et al., 2019). O enfermeiro atua no reconhecimento precoce dessas dificuldades, fornecendo orientações práticas, apoio e suporte emocional voltado para ajudar a mãe a dar continuidade ao AME (Monteiro et al., 2018; Brasil, 2020).

Outrossim, o enfermeiro auxilia na rede de suporte familiar e comunitária, englobando grupos de apoio à amamentação e Bancos de Leite Humano (Reis et al., 2021; Souza et al., 2020). Essas estratégias são essenciais para fornecer apoio técnico, afetivo e emocional, fomentando o empoderamento materno e o fortalecimento da relação entre o binômio mãe-bebê.

Outro ponto fundamental é o trabalho da equipe multiprofissional na ESF. O enfermeiro articula ações com agentes comunitários de saúde, médicos e nutricionistas, fortalecendo uma rede de apoio e suporte contínuo à mulher no ciclo gravídico-puerperal. Complementarmente, o profissional de enfermagem participa de grupos de gestantes, momentos educativos em sala de espera e visitas domiciliares, iniciativas que aumentam o acesso à informação e fomentam a autonomia das futuras mães. (Silva et al., 2018).

O enfermeiro também é peça-chave na implementação e execução de políticas públicas e estratégias locais, como a Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil (EAAB), que visa capacitar equipes de saúde para orientar mães de forma humana e qualificada (Araújo et al., 2019; Brasil, 2015). Ao atuar nesse contexto, ele ajuda a diminuir os obstáculos sociais, culturais e profissionais que impedem a continuidade do AME, favorecendo a saúde integral da mãe e do bebê.

Em resumo, o enfermeiro desempenha um papel fundamental na promoção e incentivo ao aleitamento materno, coordenando ações desde o pré-natal até a atenção primária, com ênfase em fornecer orientações, suporte técnico, acolhimento emocional e fortalecimento das redes de cuidado. Sua atuação tem um impacto direto na adesão ao AME, beneficiando a saúde das crianças, o vínculo entre mãe e filho e a prevenção de problemas durante os períodos neonatal e puerperal (Monteiro et al., 2018; Martins et al., 2024; Lima et al., 2019).

3.3 Dificuldades Encontradas e Estratégias Adotadas na Promoção do Aleitamento Materno Exclusivo

A análise dos estudos revelou uma série de desafios enfrentados tanto pelas puérperas quanto pelos profissionais de enfermagem, assim como também evidenciaram reforços de estratégias as quais devem ser adotadas para promover o AME de forma eficaz. Ribeiro et al. (2022) demonstram que, mesmo com consultas de pré-natal e orientações recebidas, muitas puérperas apresentam conhecimento superficial sobre o AME, o que dificulta a prática adequada até os seis meses. Este resultado indica que a informação isolada não garante compreensão nem aplicação prática, sendo necessário que os enfermeiros adotem abordagens educativas mais interativas e contínuas.

Silva e Oliveira (2022) reforçam que as dificuldades técnicas, como pega incorreta, dor, fissura mamilar e baixa produção de leite, associadas a fatores emocionais como insegurança e ansiedade, tornam o papel do enfermeiro fundamental para o sucesso do AME. Isso evidencia que o conhecimento das mães deve ser fortalecido não apenas no aspecto informativo,

mas também em habilidades práticas e suporte psicológico, promovendo autonomia e confiança para amamentar. Portanto, o aleitamento materno exclusivo enfrenta múltiplas barreiras que podem comprometer sua prática e continuidade. No âmbito fisiológico, destacam-se problemas como dor durante a amamentação, fissuras mamilares, mastite, ingurgitamento mamário e percepção de baixa produção de leite, fatores que frequentemente levam ao abandono precoce da prática (Bick et al., 2018; Cobo et al., 2019).

Outro desafio identificado é o manejo das questões emocionais das mães. Fatores como frustração, estresse e medo de não produzir leite suficiente exigem que o enfermeiro vá além da orientação técnica, atuando também como mediador emocional, oferecendo encorajamento, acompanhamento e suporte personalizado (Santos; Pereira, 2023). Desse mesmo ponto de vista, as análises mostram que os sentimentos como ansiedade, insegurança, estresse e depressão pós-parto interferem na autoconfiança materna, impactam a produção de leite e dificultam a vinculação com o bebê (Ferreira et al., 2022). A ausência de apoio social e familiar eficiente agrava o cenário, sobretudo em mães adolescentes, mães solo e mulheres em situação de vulnerabilidade social (Martins et al., 2017).

No aspecto laboral, o retorno precoce ao trabalho, a falta de licenças prolongadas e a inexistência de espaços adequados para amamentação dificultam a manutenção do aleitamento. A ausência de políticas institucionais de apoio representa uma barreira importante à prática (Santos et al., 2020). Além disso, a sobrecarga de tarefas e a pressão por produtividade fazem com que muitas mulheres priorizem o cumprimento de suas funções profissionais em detrimento da continuidade da amamentação. A ausência de ambientes apropriados para a retirada e armazenamento do leite materno, bem como a falta de flexibilidade nos horários de trabalho, agravam ainda mais essa realidade. Diante disso, torna-se evidente a necessidade de políticas públicas e empresariais que assegurem o direito à amamentação, promovendo condições adequadas para que a mulher concilie o cuidado materno com sua vida profissional (Santos et al., 2020).

Os profissionais de enfermagem lidam com restrições de tempo, recursos e materiais educativos (Dias; Silva; Filho, 2024) além de um apoio pós-alta hospitalar muitas vezes insuficiente (Takemoto et al., 2023). Essas barreiras estruturais podem comprometer a continuidade do AME e a eficácia das intervenções educativas. Também são encontradas barreiras sociais incluem a pressão para a introdução precoce de alimentos complementares e a perpetuação de mitos culturais, muitas vezes reforçados por familiares ou profissionais de saúde sem capacitação adequada, como a oferta de chás ou água antes dos seis meses (Oliveira et al., 2021).

Diante desses desafios, diversas estratégias têm sido adotadas. A qualificação profissional por meio da Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil (EAAB) busca capacitar equipes da atenção primária para orientação humanizada e baseada em evidências (Araújo et al., 2019). A criação de grupos de apoio em unidades de saúde e comunidades favorece a troca de experiências e o fortalecimento da confiança materna (Souza et al., 2020).

Outro recurso fundamental é a implantação de Salas de Apoio à Amamentação em ambientes de trabalho, previstas pela legislação brasileira, que possibilitam a continuidade da prática associada à ampliação da licença-maternidade (Brasil, 2015). Nesse contexto, os Bancos de Leite Humano (BLH) assumem papel central, atuando tanto na coleta e distribuição do leite quanto na orientação técnica, prevenção de complicações e apoio emocional às lactantes (Reis et al., 2021).

As campanhas de sensibilização social, também é um dos recursos utilizados que podem contribuir para a valorização do aleitamento e para a desconstrução de mitos, utilizando mídias tradicionais e digitais como meios de mobilização (Ferreira et al., 2022). A integração de políticas públicas intersetoriais, aliando saúde, educação, trabalho e assistência social, é essencial para consolidar um ambiente favorável ao aleitamento materno exclusivo e sustentável.

Os estudos destacam diversas estratégias de promoção do AME que têm se mostrado eficazes, os estudos de Santos; Pereira, 2023; Silva; Oliveira, 2022 reforçam que a orientação técnica individualizada, incluindo demonstração de posições

corretas e técnicas de pega para auxiliar na adesão da AME. Já as pesquisas de (Dias; Silva; Filho, 2024) incitam que as ações educativas coletivas e individuais, realizadas em consultas de pré-natal, palestras presenciais e grupos de apoio também contribuem para a promoção do AME.

A promoção de ambientes favoráveis à amamentação, envolvendo familiares e equipe multiprofissional, criando um contexto de suporte social e institucional também aparece como dispositivo para a promoção na literatura (Santos; Pereira, 2023), enquanto o uso de tecnologias digitais e redes sociais como complemento às ações presenciais também pode ser um recurso que possibilita esclarecimento de dúvidas e reforço das informações acerca da AME (Dias; Silva; Filho, 2024). Estas estratégias refletem a necessidade de uma abordagem multidimensional, que combine educação em saúde, suporte emocional e acompanhamento contínuo, promovendo adesão e manutenção do AME.

Com isso, os estudos reforçam que os enfermeiros têm um papel central na superação das dificuldades enfrentadas pelas mães, sendo agentes de mudança que podem influenciar diretamente a adesão ao AME (Santos; Pereira, 2023; Silva; Oliveira, 2022). O investimento em capacitação profissional, políticas públicas de incentivo à amamentação e uso de tecnologias educativas surge como estratégia crucial para melhorar os índices de AME e reduzir desigualdades no cuidado materno-infantil.

4. Conclusão

Esta pesquisa evidencia que, embora ainda existem barreiras técnicas, emocionais, estruturais e socioculturais que dificultam a prática do aleitamento AME, o papel do enfermeiro mostra-se essencial e determinante para a promoção, adesão e manutenção dessa prática. A atuação estratégica desses profissionais vai além do cuidado clínico, abrangendo o apoio emocional, a escuta qualificada, a orientação técnica contínua e a implementação de tecnologias educativas que fortalecem o vínculo mãe-filho e contribuem para o empoderamento materno no processo de amamentação.

Verificou-se também que a combinação entre capacitação profissional, educação permanente em saúde e uso de recursos digitais potencializa a eficácia das intervenções voltadas ao incentivo ao AME. Essas ações, quando aliadas às políticas públicas e às recomendações de organismos nacionais e internacionais de saúde, como o Ministério da Saúde e a OMS, promovem resultados positivos na saúde materno-infantil, reduzindo taxas de morbimortalidade e desigualdades sociais.

Dessa forma, a prática do aleitamento materno exclusivo deve ser compreendida como um fenômeno multifatorial, que requer estratégias integradas e sustentadas por uma rede de apoio sólida, com destaque para o papel do enfermeiro na Atenção Primária à Saúde. Reforça-se, portanto, a importância da continuidade de pesquisas, capacitações e investimentos em educação em saúde, a fim de consolidar o AME como uma prática segura, eficaz e humanizada, alinhada às metas globais de promoção da saúde e desenvolvimento infantil.

Referências

- Araújo, K. M. F., et al. (2019). Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil: avaliação das oficinas de tutores. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 19(3), 601–610.
- Benato, J., Santos, A. C. F., Benetoli, A., Costa, M. A., & Possagno, G. C. H. (2024). Estudo qualitativo sobre o conhecimento e vivências de pessoas com diabetes mellitus atendidos em uma farmácia municipal. *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, 23(2), 419–426. <https://periodicos.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/57589>.
- Bick, D., et al. (2018). Improving breastfeeding practices on a broad scale at the community level: success stories from Africa and Latin America. *Journal of Human Lactation*, 34(2), 291–295.
- Brasil. (1943). *Consolidação das Leis do Trabalho – CLT* (Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943). Atualizado até 2023. <https://www.planalto.gov.br>.
- Brasil. (2015). *Estratégia Amamenta e Alimenta Brasil: guia para profissionais da atenção básica*. Brasília: Ministério da Saúde.

- Brasil. (2016). *Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016*. Conselho Nacional de Saúde. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 24 maio 2016, Seção 1, p. 44–46.
- Brasil. (2020). *Guia prático de aleitamento materno*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2021a). *Atenção ao pré-natal de baixo risco*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2021b). *Guia Alimentar para Crianças Brasileiras Menores de 2 Anos*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2021c). *Saúde da Criança: aleitamento materno e alimentação complementar* (2ª ed.). Brasília: Ministério da Saúde.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101.
- Carvalho, A. R., et al. (2017). Dificuldades no aleitamento materno: desafios enfrentados pelas nutrizes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 70(2), 235–242.
- Costa, K. A., et al. (2018). A importância do apoio familiar na manutenção do aleitamento materno exclusivo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(3), 1354–1360.
- Costa, M. M., et al. (2023). Atuação das enfermeiras na promoção e apoio ao aleitamento materno no pré-natal: revisão integrativa. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 97(3), Art. 1774. <https://doi.org/10.31011/reaid-2023-v.97-n.3-art.1774>.
- Dias, R. G. S., Silva, K. R. B., & Filho, S. L. V. N. (2024). O papel do enfermeiro na promoção do aleitamento materno exclusivo. *Revista Saúde em Foco*, 4(1), 12–25. <https://pesquisa.bvsalud.org/>.
- Ferreira, L. L., et al. (2022). Saúde mental materna e aleitamento: uma revisão integrativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 27(9), 3487–3498.
- Fonseca, M. A. F. (2022). A atuação do enfermeiro na orientação de primíparas sobre aleitamento materno exclusivo. *Revista Cuidarte Enfermagem*, 16(3), 255–263. <https://pesquisa.bvsalud.org/>.
- Gil, A. B., et al. (2022). Estratégias de promoção do aleitamento materno utilizadas pelos enfermeiros. *Revista Destaques Acadêmicos*, 14(3), Art. 3175. <https://doi.org/10.22410/issn.2176-3070.v14i3a2022.3175>.
- Lima, L. P., et al. (2019). Ações educativas do enfermeiro durante o pré-natal e sua influência no aleitamento materno exclusivo. *Revista de Enfermagem e Saúde Coletiva*, 4(2), 112–120.
- Machado, P. Y., & Lara, A. N. O. (2019). Estratégias de incentivo ao aleitamento materno realizadas pelos enfermeiros da atenção primária. *Interação - Revista de Ensino, Pesquisa e Extensão*, 20(1), 232–251. <https://doi.org/10.33836/interacao.v20i1.176>.
- Martins, R. R., et al. (2024). Papel do enfermeiro na promoção do aleitamento materno: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 77(2), 1–9.
- Monteiro, F. R., et al. (2018). O papel da enfermagem na promoção do aleitamento materno exclusivo. *Cadernos de Saúde Pública*, 34(8), e00067218.
- Monteiro, J. C. S., et al. (2018). Atuação do enfermeiro no apoio à amamentação no pós-parto: revisão integrativa. *Revista de Enfermagem da UFPE*, 12(5), 1432–1440.
- Moreira, M. E., & Nascimento, M. L. (2021). Aspectos emocionais e fisiológicos da amamentação: uma abordagem integrativa. *Revista de Saúde Materno-Infantil*, 21(2), 95–102.
- Nora, A. C. A. de, & Diaz, K. C. M. (2024). O enfermeiro na promoção do aleitamento materno e os benefícios para saúde do bebê. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(11), 6725–6740. <https://doi.org/10.51891/reaase.v10i11.17090>.
- Oliveira, R. A., & Barbosa, M. T. (2019). O papel da sociedade na promoção do aleitamento materno. *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, 24(8), 2931–2938.
- Reis, A. C. S., et al. (2021). Rede de Bancos de Leite Humano: avanços e desafios no Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*, 45, e12.
- Ribeiro, A. K. F., Lima, R. S., & Nunes, P. A. (2022). Aleitamento materno exclusivo: conhecimentos de puérperas na Atenção Básica. *Revista Baiana de Enfermagem*, 36, e42555. <https://pesquisa.bvsalud.org/>.
- Rodrigues, A. C., et al. (2020). O papel do enfermeiro na atenção pré-natal para promoção do aleitamento materno exclusivo. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 20(3), 733–740.
- Rodrigues, B. C., et al. (2020). Consulta de enfermagem no pré-natal: espaço para promoção do aleitamento materno. *Revista Mineira de Enfermagem*, 24, e-1284.
- Santos, L. A., et al. (2020). Depressão pós-parto e sua influência no aleitamento materno. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 20(3), 715–722.
- Silva, C. M., et al. (2018). O papel do enfermeiro da ESF na promoção do aleitamento materno: práticas educativas e visitas domiciliares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 39, e2017-0061.
- Silva, L. M., et al. (2019). Benefícios do aleitamento materno exclusivo para a saúde infantil. *Revista de Pediatria*, 92(4), 412–419.
- Silva, R. M., et al. (2018). A atuação do enfermeiro na Estratégia Saúde da Família: desafios e potencialidades na promoção à saúde. *Saúde em Debate*, 42(119), 906–918.
- Souza, J. P., et al. (2020). Intervenções para melhoria da adesão ao aleitamento materno exclusivo. *Journal of Maternal and Child Health*, 5(1), 15–22.

Souza, T. H. S., et al. (2021). A educação em saúde como ferramenta para promoção do aleitamento materno exclusivo. *Research, Society and Development*, 10(6), e1518715187. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15187>.

Takemoto, A. Y., Oliveira, M. C., & Barros, L. J. (2023). Prática do aleitamento materno exclusivo: conhecimento e ações em APS. *Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde (REAS)*, 12(2), e1302. <https://pesquisa.bvsalud.org/>.

World Health Organization. (2020a). *Infant and young child feeding: counselling*. Geneva: WHO.

World Health Organization. (2020b). *The importance of exclusive breastfeeding*. Geneva: WHO.

Zanlorenzi, G. B. (2022). Fragilidades e potencialidades do cuidado de enfermagem ao aleitamento materno exclusivo na Atenção Primária à Saúde. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 12(3), e4879. <https://pesquisa.bvsalud.org/>.